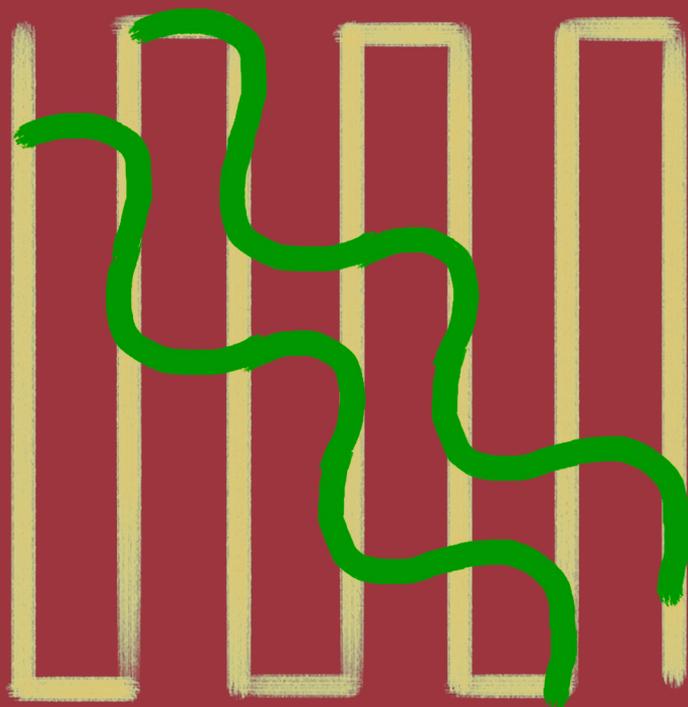


---

# Territórios culturais

fronteiras  
e tradução





**Territórios culturais, fronteiras e tradução**

# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

## **Gestão 2020-2021**

### **Presidente**

Gerson Roberto Neumann — UFRGS

### **Vice-Presidente**

Andrei Cunha — UFRGS

### **Primeira Secretária**

Cinara Ferreira — UFRGS

### **Segundo Secretário**

Carlos Leonardo Bonturim Antunes — UFRGS

### **Primeiro Tesoureiro**

Adauto Locatelli Taufer — UFRGS

### **Segunda Tesoureira**

Rejane Pivetta de Oliveira — UFRGS

### **Conselho Deliberativo**

#### **Membros efetivos**

Betina Rodrigues da Cunha — UFU

João Cezar de Castro Rocha — UERJ

Maria Elizabeth Mello — UFF

Maria de Fátima do Nascimento — UFPA

Rachel Esteves de Lima — UFBA

Regina Zilberman — UFRGS

Rogério da Silva Lima — UNB

Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

#### **Membros suplentes**

Cassia Maria Bezerra do Nascimento — UFAM

Helano Jader Ribeiro — UFPB

## **Territórios culturais, fronteiras e tradução**

## Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2021 da organização:  
Andrei Cunha, Luciana Rassier  
e Andrea Kahmann.  
Copyright © 2021 dos capítulos:  
suas autoras e autores.

## Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

## Conselho editorial

Betina Rodrigues da Cunha — UFU  
João Cezar de Castro Rocha — UERJ  
Maria Elizabeth Mello — UFF  
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA  
Rachel Esteves de Lima — UFBA  
Regina Zilberman — UFRGS  
Rogério da Silva Lima — UNB  
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB  
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM  
Helano Jader Ribeiro — UFPB

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
CEP 90540-000  
Porto Alegre, RS, Brasil  
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T327	Territórios culturais, fronteiras e tradução [recurso eletrônico] / organizado por Andrei Cunha, Luciana Rassier, Andrea Kahmann. - Porto Alegre : Class, 2021. 640 p. ; PDF ; 3,8 MB.  Inclui bibliografia e índice ISBN: 978-65-88865-78-1 (Ebook)  1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Cunha, Andrei. II. Rassier, Luciana. III. Kahmann, Andrea. IV. Título.  CDD: 869.94 CDU: 82-4(81)
2021-3520	

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

## Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

## Projeto gráfico

Mário Vinícius

## Capa

Mário Vinícius  
Larissa Rezende (estagiária)

## Diagramação

Larissa Rezende

## Equipe de revisão

Aline A. Duvoisin | Bruno C. Zitto | Bruno R. Gessner | Danielle F. Sibonis | Erika M. Chaves | Fernanda G. Goulart | Gabrielle M. da Silva | Geórgia O. Colombelli | Heloá B. Cintra | Iane I. Poyer | Isabella de P.G. do Carmo | Júlia C. Mendes | Laura S. Alexandre | Laura W. Gautério | Lóren C.F. Cuadros | Luíza S. de Oliveira | Mariane P. Rocha | Santiago B. Freitas | Vinícius B. de Almeida | Vinícius C. Ritter | Wanessa G. Silva

## Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; RASSIER, Luciana; KAHMANN, Andrea (org.). *Territórios culturais, fronteiras e tradução*. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2021.



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES), do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os organizadores deste volume não se responsabilizam pelo conteúdo dos artigos ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

## O testemunho de Hans Staden

Elizamari Rodrigues Becker (UFRGS)<sup>1</sup>

A *Wahrhaftige Historia* de Hans Staden (1556) frequentemente se viu mencionada no debate sobre os primórdios de uma literatura brasileira primitiva, sobretudo quando se consideram questões de contexto para um país ainda sem unidade linguística, como era o Brasil à época da vinda do artilheiro e cronista alemão. Uma pergunta que se poderia legitimamente fazer é: por que um texto escrito em alemão seria menos brasileiro do que outro escrito em qualquer outra língua dentre aquelas dos indígenas ou dos colonizadores, invasores, exploradores, aventureiros e toda sorte de piratas? Em um país que ainda estava longe de possuir contornos geográficos bem delimitados, por que razão um livro publicado em outras terras, mas recalcado do maior detalhamento de formas, cores, sabores e pendores de um Brasil ainda em formação não haveria de ser seu representante genuíno? Enfim, estamos sempre nos perguntando o que faz da literatura brasileira efetiva e reconhecidamente “brasileira”. É a nacionalidade do escritor, é a língua em que o escritor escreve, é o país em que o livro é publicado ou é a temática que recria e representa?

Muitos estudiosos da historiografia literária têm-se amparado, na falta de textos literários mais castiços, em outros textos de forte gênese documental, como cartas de navegação, cartas de evangelização, relatórios dos mais diversos contornos – de desbravamento, de assentamento, de colonização. Mas todos esses documentos – mesmo quando escritos em língua portuguesa – não parecem dizer tanto sobre o Brasil do século XVI como o livro-testemunho de Hans Staden, que figurou, no continente europeu, como a primeira aparição do Brasil no escopo da literatura de viagens. Em seu *Hy Brasil: a construção de uma nação* (2019), Vanete Santana-Dezmann explica, no capítulo “A invenção do Brasil pela literatura”, que o conceito de

1. Graduada em Letras (UFRGS), Mestre e Doutora em Literatura Comparada (UFRGS), professora associada junto ao Departamento de Línguas Modernas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tradutora pública e comercial nomeada pela Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

marco inicial da literatura brasileira é bastante discutível e que a maioria dos árcades indicados como pais dessa literatura podiam ser, apesar de empaticamente considerados brasileiros, mais bem-descritos como portugueses-americanos (SANTANNA-DEZMANN, 2019, p. 46). Segundo a pesquisadora, atualmente vinculada ao Departamento de Tradução, Língua e Estudos Culturais da Universidade Johannes Gutenberg, muitos dos textos primordiais são facilmente contestáveis, seja pela nacionalidade de seus autores ou pelo local estrangeiro de publicação ou, ainda, pela publicação tardia:

O marco inicial da literatura brasileira [...], apontado por historiadores da literatura é o poema Prosopopéia, de Bento Teixeira, e publicado em 1601 em Lisboa. [...] Porém, Bento Teixeira (1545-1605) era português, natural do Porto. Por isto, tal filiação é contestada por críticos como Rodolfo Garcia em sua introdução ao segundo volume de *Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil*. Caberia, pois, averiguar quais são os critérios usados para definir a nacionalidade de uma obra literária. (SANTANA-DEZMANN, 2019, p. 43)

E assim, Santana-Dezmamm percorre um elenco de exemplos de escritores que poderiam ser considerados precursores na formação da literatura brasileira, mas que, do ponto de vista mais purista da paternidade literária, teriam sua candidatura invalidada pelas mais diversas razões – Antonio Vieira, com seus sermões, por ser português; Gregório de Matos Guerra por ter ficado inédito até 1882; Manoel Botelho de Oliveira, que, apesar de ter escrito sobre o Brasil, o fez em espanhol, italiano e latim, para citar só alguns que a pesquisadora relaciona (SANTANA-DEZMANN, 2019, p. 43-46).

Mais especificamente sobre as tensões havidas entre o documental e o ficcional na obra de Hans Staden, temos o livro *Hans Staden: o homem e a obra* (1980), de Manoel de Abreu Campanário, que ficou anos pesquisando a obra e viajando pelos lugares que Hans Staden teria percorrido. Destacado pela descrição da personalidade de Staden e por uma interpretação das xilogravuras, o autor do livro afirma em seu prefácio que procurava pela verdade dos fatos (CAMPANÁRIO, 1980, p. 12). Sua leitura sobre o difuso cenário do século XVI tenta mostrar como a pilantragem das rotas circum-navegatórias – repletas de pilhagens e mentiras, resfolegantes sobre cartografias insuficientemente desenhadas – coloca em xeque os relatos

de viagem até mesmo dos cronistas mais eminentes. Mas nem todo mundo interpreta o livro de Staden como peça documental.

Em torno da *Wahrhaftige Historia* de Hans Staden existe todo um arcabouço tradutório de suma importância para o campo dos Estudos de Tradução. Escrito em alemão quinhentista, só ganhou uma atualização para o alemão moderno em 1942 pelas mãos do catariense Karl Fouquet. Lançada pelo Instituto Hans Staden e intitulada *Duas viagens ao Brasil*, essa edição bilíngue é um exemplo de tradução intralinguística no próprio alemão; mas a iconografia do texto original foi preservada. A tradução em língua portuguesa a partir dessa atualização de Fouquet foi feita por Guiomar de Carvalho Franco, como veremos adiante.

Já em língua portuguesa, a primeira tradução de que se tem notícia só foi feita em 1892, por Tristão de Alencar Araripe, traduzida a partir da versão francesa de *Ternaux Compans* (que teria, por sua vez, sido vertida a partir de uma versão em latim). Essa tradução foi publicada na Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sob o título de “Relação verídica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás”.

Alberto Löfgren, botânico sueco radicado no Brasil, homem de grande reputação e muito premiado como cientista, trouxe ao público uma nova tradução, em 1900, a partir do original de 1557, que intitulou *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. É a partir dessa tradução, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que Monteiro Lobato (1951) se manifesta, em seu artigo publicado em “A antevéspera” e intitulado “O primeiro livro sobre o Brasil”, havendo referências à mesma tradução também em muitas de suas cartas enviadas a Godofredo Rangel e publicadas nos dois tomos de epístolas de *A barca de Gleyre* (1964). E é a partir dessa tradução de Löfgren, que por sua vez foi traduzida diretamente do original em alemão quinhentista, que Monteiro Lobato “ordena literariamente” uma publicação pela Companhia Editora Nacional, intitulada *O meu cativo entre os selvagens do Brasil* e publicada em primeira edição em 1925, e sucedida por duas outras nos dois anos seguintes. O prefácio dessa edição já esgotada e fora de circulação há muitas décadas, é suficientemente claro sobre a opinião de Lobato:

Não há documento mais precioso, relativo à terra brasileira em seus primórdios, do que as presentes memórias de Hans Staden.

[...] Mas essa obra de valor inestimável, que devia andar no conhecimento de todos os brasileiros, viveu até hoje restricta aos estudiosos e sem possibilidades de divulgação por falta de uma coisa só: ordem literária. Sem este tempero, por mais interessante que seja, não consegue uma obra vulgarizar-se. (STADEN adaptado por LOBATO; 1926, p. 3-4)

Nesse mesmo prefácio, Monteiro Lobato mostra preocupação com a recepção da obra pelo público infanto-juvenil:

Com esta edição fazemos uma tentativa neste sentido. Ordenamo-la literariamente, com absoluto respeito ao original, de modo que lucrasse em clareza e facilidade de leitura, sem prejuízo do character documentativo, uma obra que até nas escolas devia entrar, pois nenhuma daria melhor aos nossos meninos a sensação do Brasil menino. (STADEN adaptado por LOBATO; 1926, p. 4)

Duas referências que chamam a atenção nesse prefácio são a intenção de fazer com que a obra alcançasse o público infanto-juvenil e o que Lobato considerava “ordenar uma obra literariamente”. Sobre a primeira, não tardou em publicar uma adaptação, intitulada *Aventuras de Hans Staden* e que ainda mais tarde constou da cartela da Editora Brasiliense, sendo publicada pelo menos até 1998. Nessa adaptação, a narradora Dona Benta conta aos netos Narizinho e Pedrinho como Hans Staden era astuto e como conseguiu ludibriar os Tupinambás, evitando ser devorado (BECKER, 2008, p. 13-14). Sobre a segunda referência, a ordenação literária significou, na edição pela Companhia Editora Nacional, a publicação da narrativa longa dos 53 capítulos e a supressão da segunda parte do livro de Staden, composta por descrições pontuais da vida e dos costumes dos Tupinambás. Mais recentemente, o mercado editorial ganhou outra adaptação, intitulada *Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil* (AGUIAR, 1988).

Em 1942, chegou ao público brasileiro uma nova tradução feita a partir da atualização de Karl Fouquet para o alemão moderno. A tradução de Guiomar de Carvalho Franco, intitulada *Dois viagens ao Brasil*, foi publicada pela Editora Itatiaia (1974) com prefácio de Mário Guimarães Ferri e, mais recentemente, pela Garnier (2020, 2. ed.). É a segunda tradução (depois da de Lobato) menos devotada aos aspectos etnográficos do que aos literários e ficcionais, além de parecer estar sensivelmente a serviço da recepção pelo leitorado, já que lhe oferece um conjunto de 151 notas de rodapé explicativas.

A tradução de Guiomar foi sucedida, somente em 1998, pela tradução de Angel Bojadsen, que também elaborou sua transposição a partir da atualização de Karl Fouquet do texto original, e a fez circular em três diferentes publicações, sendo a da L&PM, em sua edição de Bolso n. 674, a mais recente delas (em 2007 e reimpressa em 2019), contendo uma bela introdução de Eduardo Bueno. Sua tradução também figurou em duas publicações esgotadas da Editora Terceiro Nome: *Portinari devora Hans Staden* (1998), edição de luxo, acrescida de todas as 26 ilustrações de Portinari (até então inéditas), e uma publicação sem as ilustrações de Portinari, *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes* (1999), mas que manteve as ilustrações de Theodore de Bry. Bojadsen, que estudou história e ciências políticas na Universidade Laval, no Canadá, trabalhou como roteirista de cinema e como tradutor na Alemanha, França e Brasil. Sua tradução também figurou em duas publicações da Editora Terceiro Nome: a já referida *Portinari devora Hans Staden* (1998), edição de luxo acrescida de todas as 26 ilustrações de Portinari, até então inéditas, e uma publicação sem as mesmas, *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes* (1999).

Pedro Süssekind, tradutor e professor da Universidade Federal Fluminense, pesquisador dedicado ao estudo da estética e da filosofia da arte alemã, teve sua tradução publicada pela Editora Dantes, em 1998, sob o sugestivo título de *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. Assim apresenta a obra o seu tradutor:

Nesse livro, a impressão do europeu que chegava ao Novo Mundo mistura-se à do índio que o via chegar, correndo o risco de ser devorada por esta [a impressão]. O Brasil: uma imensa terra à vista após longa e penosa viagem, território habitado por selvagens que andavam nus, adoravam ídolos pagãos e comiam carne humana. Ou o lugar aonde chegavam grandes barcos cheios de homens cobertos de panos e pelos, que vinham para construir casas de pedra e ensinar a rezar de joelhos, comerciantes de quinquilharias e ferramentas estranhas, comida no banquete do antropófago. (STADEN trad. Süssekind, 1998, orelha final)

A *Wahrhaftige Historia* de Hans Staden é uma obra com um itinerário de traduções bastante rico, não só em termos da profusão

de publicações e traduções, mas também, como se verifica neste estudo, na variedade de suas modalidades de reescritura – tradução intersemiótica (iconografia), tradução intralinguística (atualização para o alemão moderno), tradução indireta (do francês e do latim), retradução e adaptação. Além disso, é uma obra traduzida essencialmente bilíngue, pois, mesmo depois de remover a língua do original – o alemão – ainda continua a hospedar a língua Tupi-nambá, presente em todas as versões traduzidas. Em sua subversiva teoria de tradução, que desafia o princípio da autoria, Haroldo de Campos (1992) relaciona a tradução com a antropofagia de Oswald de Andrade e dos modernistas, caracterizando-a como um ato de apropriação, desconstrução e violação, na tensão da dualidade entre devorador e devorado, entre texto traduzido e texto original. A operação tradutória é, segundo ele, violadora, expropriadora, como o são as operações críticas de leitura e interpretação. Talvez nenhuma tradução até hoje feita da *Wahrhaftige Historia* em língua portuguesa tenha assumido com tanta convicção a tarefa expropriadora da operação tradutória como um dos conjuntos iconográficos que estamos prestes a discutir.

Além da profusão de traduções e adaptações, muito se pode dizer sobre a riqueza iconográfica da obra e sua relação com o texto original e, depois, com as traduções que acompanharam, constituindo a obra de Staden em um espaço vigoroso para discussões sobre tradução intersemiótica. A riqueza de sua iconografia, que ampara, quadro a quadro, não só o relato mas também a descrição de usos e costumes dos tupinambás, é uma parte integrante e indissociável do livro. Esse repertório de imagens, que forma um corpo representacional de inegável teor narrativo e valor estético, é creditado ao artista belga Theodore de Bry, que nunca cruzou o Atlântico e foi sempre bastante criticado por seu eurocentrismo acadêmico, que se via na anatomia de seus corpos.

O livro de Staden tem ainda a participação de um reputado representante da arte brasileira: Candido Portinari. Reconhecido internacionalmente por sua arte engajada, já tendo inclusive participado, em 1939, do pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova Iorque, foi comissionado, em 1940, pelo editor norte-americano George Macy (*The Limited Editions Club*) a produzir um conjunto de ilustrações para acompanhar uma tradução em inglês da *Wahrhaftige Historia*. O nome de Portinari teria surgido por sugestão do editor brasileiro

José Olympio, para quem Portinari era o pintor que começava a ser identificado como o próprio país. Tratou-se de uma encomenda de 26 ilustrações, que o artista executou, em 1941, em carvão com aguada. A reação de Macy, entretanto, foi de aberta rejeição, como vemos no artigo “Pequeno ensaio pró-Portinari”, de Olivio Tavares de Araújo, que compara o “cancelamento” de Portinari ao de Anita Malfatti por Monteiro Lobato:

Quando examinei pela primeira vez esse pacote de desenhos, pensei que o senhor estava tentando fazer pinturas que se pareciam com as pinturas feitas pelos canibais que Hans Staden encontrou. Penso que o senhor deu ênfase demasiada à carnificina e à brutalidade do livro; o livro não é totalmente repleto desse tipo de horror [...]. Eu estava esperando receber algumas paisagens simples do país no qual Hans Staden se encontrava quando foi capturado pelos canibais, e alguns desenhos simples ou litografias dos índios daqueles dias. [...] tenho certeza de que meus clientes não gostariam deles, não os achariam inteligíveis. (STADEN; PARIS (Ed.); OHTAKE, (Ed.), 1998. p. 137)

As ilustrações de Portinari ficaram inéditas até a publicação de *Portinari devora Hans Staden*, em 1998, pela editora Terceiro Nome em parceria com o Deutsche Bank, e são uma importante releitura da iconografia original do livro, essa última bastante explorada no escopo de uma etnologia indígena, com estudos das formas de vida social, das manifestações simbólicas, das relações interétnicas, da história e dos contextos ambientais dos povos ameríndios. Para mais reflexões sobre a intervenção de Portinari, sugerimos o estudo de Luciana Villas Bôas, intitulado “O Hans Staden de Portinari: esquecimento e memória do passado colonial” (VILLAS BÔAS, 2016, p. 103-125).

Outra publicação que salienta a riqueza iconográfica da obra de Staden é o número 1 da Série Documentos Históricos, intitulado *Hans Staden: primeiro viajante*, publicado em 1966 pela Difusão Nacional do Livro em 40 lâminas no tamanho A3, com edição e organização de Fernando H. Silva, Galvão Bueno Trigueirinho e Salomão Scliar. Nessa publicação, as ilustrações originais ganham proporção aumentada em relação ao texto, que é resumido e adaptado o suficiente apenas para descrevê-las. Diferentemente das outras publicações, até mesmo da publicação do original, em que as ilustrações

são adjacentes ao texto escrito, nessa elas ganham projeção em primeiro plano.

Mais abundante e saliente do que a iconografia da obra é a sua natureza memorialística e testemunhal, constituída no bojo das escritas de si e – naquilo que falham mesmo os registros mais francos – nos inúmeros depoimentos corrompidos, que manipulam a verdade, amparados na maior de todas as justificativas: a luta pela sobrevivência.

Como não dar crédito a um “eu” que narra a própria experiência e a traz sotrancada das mais elevadas intenções de verdade e constituída de rígido esqueleto de datas, de robusta musculatura de testemunhas, de profunda enervação geográfico-espacial e de impressões digitais de prefaciadores fidedignos e renomados? Esse é o apelo da história relatada por Hans Staden, e que já em seu introito reclama veracidade. Mas o leitor, esse ser insurgente, desconfia sempre – e desconfia mais – dos narradores que juram dizer a verdade, e fica como que torcendo para ver a máscara cair, porque ele – o leitor – intuitivamente sabe que as escritas de si brincam na gangorra de duas dimensões antagonistas – a objetiva e a subjetiva.

No relato de viagem de Staden, não encontramos a escritura autobiográfica de introspecção e de autoexame, tão comum às literaturas de fundo confessional, como a dos diários pessoais e das missivas. Esse é um texto escrito um século depois do surgimento da prensa móvel e destinado à ampla divulgação, posto que foi redigido, organizado, revisado e prefaciado para publicação. Apesar da intenção de compartilhamento e publicidade, da pretensão de ser registro histórico e arcabouço da verdade sem máscaras, encerra não poucas ensaísticas de uma escritura pessoal marcada pelo terror do cativo entre povos de costumes ameaçadores e “incivilizados”. A escrita pós-traumática de Staden é bem alicerçada no relato dos acontecimentos, escassa na descrição de seu deteriorado estado de ânimo, diante da morte iminente e das constantes ameaças de ser devorado por seus algozes, e fartamente pontuada por datas, nomes de lugares, pessoas e naus. Apesar da aparência documental bem constituída, ainda assim é um relato pós-traumático e seu narrador pode estar, mesmo depois de muito tempo, tomado de emoções no enfrentamento das recordações.

Desde a década de 1980, sabe-se, no campo da saúde mental, que indivíduos submetidos a sofrimento psíquico resultante da

exposição a uma experiência ameaçadora – na qual a pessoa pode reagir com intenso medo, impotência ou horror – podem desenvolver estresse pós-traumático. É comum que a vítima de estresse pós-traumático apresente dificuldade em acessar fragmentos dos eventos em sua memória, e que essa memória perca a sua intensidade emocional, ou mesmo que exista um déficit na estrutura do discurso e no desenvolvimento dos relatos, revelando um indivíduo mais vulnerável, com prejuízos cognitivos. Não é incomum que a memória do narrador de evento traumático acabe prejudicada como resultado da ideia fixa, da dificuldade em conciliar (senão esquecer) o ocorrido e as recordações aflitivas. A psiquiatria elenca uma série de sintomas e desconfortos como sequelas dessa condição, dentre os quais dores de cabeça; alterações do sono; dificuldade em selecionar sentimentos relevantes do evento estressante, evitar pensamentos ou sentimentos associados ao trauma, registrar conteúdos, aprender coisas novas; apatia e redução do interesse em realizar atividades; e, em casos mais severos, sintomas psicóticos, como alucinações, ilusões e confabulações.

O estilo de vida da pessoa antes da ocorrência do evento estressante, isto é, a sua experiência de vida, pode facilitar ou dificultar o enfrentamento e a compreensão do evento crítico; as características pessoais (idade, gênero, cultura, autoestima, educação, conhecimento) e as características do ambiente físico e social (como o contexto familiar, a condição socioeconômica e o contexto em que a pessoa exerce sua profissão) são condições que influenciam na maneira como essa pessoa irá enfrentar a situação de estresse, após ter ocorrido algum evento crítico na sua vida. Dessa forma, a resposta imediata da pessoa ao evento estressor, a forma de enfrentamento da situação ou a esquiva dos eventos críticos, ameaçadores, que causam sofrimento, dependem do tempo decorrido desde a ocorrência desse estresse, da duração, do grau e das condições subjetivas envolvidas na vivência do estresse, tais como o desejo por algo, o senso de controle da pessoa, as condições de saúde emocional, autoconfiança e flexibilidade do comportamento.

A pessoa que sofreu um estresse pós-traumático, tendo sua memória e habilidades cognitivas afetadas, pode encontrar reparação em um acompanhamento terapêutico de abordagem psicoterápica baseada na exposição (relatos) e na reconstrução memorialística. A narração voluntária pós-traumática teria, segundo afirmam

os psicoterapeutas, o poder de estimular as funções cognitivas e integrativas do cérebro, principalmente as estruturas encontradas como deficitárias em indivíduos com estresse pós-traumático. As escritas de si, antes de se configurarem como relatos esclarecedores e que trazem à plena luz o que ficou escondido, são testemunhos de reelaboração do vivido, muitas vezes carregados de pontos-cegos.

A construção do relato memorialístico de Hans Staden pode ser retrçada em seis traduções para o português que ficaram notabilizadas por sua qualidade ou ampla circulação ou pela própria reputação de seus tradutores, como veremos a seguir, sem esquecermos das próprias virtudes da história original, um relato de viagem repleto de aventuras e peripécias.

O alemão Hans Staden, de Hesse, era um aventureiro, corsário e mercenário. Fracassado em sua tentativa de embarcar para a Índia, consolou-se em viajar para o Brasil como artilheiro numa nau vinda de Lisboa. Visitou o território, então colônia portuguesa, em dois momentos distintos: em 1547, por um período de dezenove meses; e em 1550, permanecendo cinco anos, dos quais, nos últimos nove meses, esteve prisioneiro dos Tupinambás. De volta à sua terra natal, em 1555, tratou de escrever, mandar ilustrar e publicar (em 1556) as suas memórias sobre essas duas viagens ao Brasil, e sobre suas desventuras entre os índios.

Hans Staden, ao que se sabe, foi o único aventureiro europeu do século XVI que viveu entre os índios Tupinambás, os acompanhou em seu cotidiano e viveu para contar sua história. Teria ficado ao longo de nove meses, entre 1554 e 1555, em um território Tupinambá chamado de Ubatuba, a 30 milhas de Bertioga – um território tão grande que levaram três dias para percorrê-lo, a maior parte do trajeto de canoa.

A recepção da obra é fundamental para sua classificação como documental ou como ficcional. Se, como leitores, a encaramos como documental, buscaremos pela verdade dos fatos, como fizeram historiadores e cientistas sociais; se a tomamos como um relato ficcional, buscaremos, além do prazer estético, por verossimilhança. Mas mesmo que busquemos a verdade dos fatos, o evento traumático, como vimos anteriormente, pode comprometer a capacidade de julgamento e a percepção do narrador oprimido. Sua ótica do narrado é expressão de sua experiência perturbadora, transformadora e, até mesmo, reconciliadora, redentora. Muitas são as forças propulsoras

do ato de narrar o episódio traumático: seja para superá-lo, compartilhar sua experiência para mais bem compreender como ele transcorreu; seja para registrar os fatos e/ou apresentar a própria versão dos mesmos. A *Wahrhaftige Historia* possui um só narrador: o artileiro Hans Staden. Toda a história é construída em um relato em primeira pessoa, que passa de um “nós” – o que mostra um profundo senso de coletividade do narrador – para um “eu” no momento exato do aprisionamento (capítulo dezoito).

A captura de Hans Staden é marcada pela violência física e moral, iniciada pelos golpes físicos e pelo imediato desnudamento. Seus captores, justamente por que não pretendem matá-lo de imediato (fato que Staden desconhece), tratam de aterrorizá-lo para mais facilmente subjugar seu corpo, sua mente e seu espírito. A destituição da autoimagem do inimigo é uma estratégia de sujeição dos captores Tupinambás descrita pelo cronista alemão e traduzida nas diferentes versões supracitadas<sup>2</sup>:

Eles derribaram-me, e espancaram-se com as suas armas. Felizmente, graças a Deos, só me feriram na perna, e arrancaram-me as roupas. Um apoderou-se de minha gravata, outro do xapéu, outro da camisa, e assim por diante. (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XVIII, p. 288)

[...] me estenderam por terra, atirando sobre mim e picando-me com as lanças. Mas não me feriram mais (graças a Deus) do que em uma perna, despindo-me completamente. Um tirou-me a gravata, outro o chapéu, o terceiro a camisa [...] (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XVIII, p. 77)

[...] fui logo derribado e ferido numa perna. Agarraram-me e despiram-me. Um tirou-me a gravata, outro o chapéu, outro a camisa [...] (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XVIII, p. 54-55)

2. Todas as traduções citadas aparecerão por ordem cronológica de sua aparição ao público ou primeira publicação, da mais antiga para a mais recente, independentemente de algumas das edições referenciadas neste artigo serem reedições recém-publicadas. Assim, temos o seguinte ordenamento: Tristão de Alencar Araripe, Alberto Löfgren, Alberto Löfgren por Monteiro Lobato, Guimar de Carvalho Franco, Angel Bojadsen e Pedro Sússekind. Quando a análise contrastiva não pareceu necessária à autora, utilizou-se somente a tradução de Sússekind. Manteve-se a ortografia das publicações referenciadas sem qualquer atualização.

[...] abateram-me ao solo, atirando sobre mim e ferindo-me a chuçadas. Porém machucaram-me apenas – Deus seja louvado! – numa perna, rasgando-me entretanto as roupas do corpo, um o mantéu, outro o sombreiro, um terceiro a camisa, e assim por diante. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 18, p. 74)

[...] eles me bateram e empurraram para o chão, atiraram e desferiram golpes de lança sobre mim. Feriram-me – Deus seja louvado – apenas numa perna, mas me arrancaram a roupa do corpo, um deles o casaco, um outro, o chapéu, o terceiro, a camisa, e assim por diante. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 18, p. 62)

[...] fui derrubado. Atiraram flechas em mim e picaram-se com lanças. Apesar disso, fiquei ferido apenas numa das pernas. Depois, rasgaram-me as roupas, um arrancando a minha capa, outro o chapéu, um terceiro a camisa, e assim por diante. (STADEN trad. Süssekind, 1999, cap. 18, p. 56)

A remoção das roupas, juntamente com a privação de liberdade e com os castigos físicos, fazia parte das medidas de escravização que os Tupinambás impingiam a seus inimigos. Esse controle pode ser também observado no capítulo 40, quando Hans narra sua tentativa de embarcar em uma nau francesa, alegando serem os tripulantes seus amigos. Os Tupinambás não lhe dão crédito, dizendo que se fossem de fato seus amigos o teriam vestido e não estaria ele ainda nu. Isso porque os selvagens, que eram bons observadores, já haviam aprendido que ao europeu, de qualquer origem que fosse, a nudez era sinal de degradação.

Os Tupinambás também viam com curiosidade os pelos do invasor europeu - bigode, barba e sobrancelhas. E, talvez por entenderem que eram importantes, já que a tais pelos dedicavam cuidados diários de toalete e os tinham de diversas cores – pretos, brancos, amarelos e até vermelhos, como era o caso de Hans – concluíram que eram marcas distintivas de que se orgulhavam. E foi talvez por essa razão que as mulheres Tupinambás removeram as sobrancelhas e a barba do “escravo”, apesar de seus protestos. Mas o processo de desmoralização do prisioneiro, não para por aí. O escravo ainda é exposto diante de seus camaradas, que eram tupiniquins, alguns portugueses e demais habitantes do baluarte de Bertioga:

O xefe da canôa, em que eu estava, tinha uma espingarda e alguma pólvora, que um Francez lhe déra em trôco de pão-brazil;

obrigou-me a atirar sobre os que estavam na praia. [...] obrigaram-me a levantar-me para meus companheiros verem-me. (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XIX, p. 290)

O rei, que estava commigo na canôa, tinha uma espingarda e um pouco de polvora, que um francez lhe dera em trôca de páu-brasil. Ordenou-me que atirasse sobre os que estavam em terra. [...] fizeram-me ficar em pé, para que meus companheiros me vissem. (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XIX, p. 79)

O murubichaba, que vinha commigo na canôa, trazia uma espingarda que lhe deram os francezes em troca de páu-brasil. Desam[ar]rrou-me as mãos e ordenou-me que atirasse contra os da terra. [...] puzeram-me de pé para que os meus companheiros me vissem. (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XIX, p. 59)

O principal da canoa em que eu estava possuía um arcabuz, e um pouco de pólvora, que obtivera de um francês em troca de pau-brasil. Eu tive então que descarregar a espingarda sobre a gente na praia. [...] tive que manter-me em pé na canoa para que meus camaradas me pudessem ver. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 19, p. 76)

O chefe do barco no qual eu estava tinha uma escopeta e um pouco de pólvora. Ambos lhe tinham sido dados por um francês em troca de pau-brasil. Obrigaram-me a atirar com a escopeta contra as pessoas na margem. [...] fizeram-me ficar de pé no barco, de modo que meus camaradas pudessem me ver. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 18, p. 64-65) (STADEN trad. Bojadsen; 1999, cap. 18, p. 54)

O chefe, em cujo barco eu me encontrava, possuía um arcabuz e um tanto de pólvora que um francês lhe dera em troca de pau-brasil. Com essa arma, fui obrigado a abrir fogo contra a terra. [...] Eu fui obrigado a permanecer de pé no barco para que meus camaradas me vissem. (STADEN trad. Süsseskind, cap. 19, p. 58-59)

A demonstração de força do algoz, que obriga o cativo a atirar contra seus próprios companheiros e faz questão que aqueles o vejam fazendo isso, suprime o senso de pertencimento do cativo a seu próprio grupo, e serve tanto para dissuadir qualquer tentativa de resgate de parte dos que estão no baluarte, quanto para anular qualquer pretensão de fuga do prisioneiro. Perdidas as chances de um resgate rápido e já com o ânimo bastante abatido, Staden chora e clama pelo livramento de Deus, o que é visto por seus captores como uma demonstração de fraqueza:

Vendo-me exposto a tamanho perigo, fiz reflexões, que dantes nunca fizera, e considerando o vale de lágrimas, em que vivemos, puz-me a cantar um salmo com toda a contrição e com lagrimas nos olhos; os selvagens exclamavam: Vede como xóra, vede como geme! (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XX, p. 290)

Estando nesta grande aflicção, pensava no que nunca tinha cogitado neste valle de lagrimas, onde vivemos. Com os olhos banhados em pranto, comecei a cantar do fundo do meu coração o psalmo: “A ti imploro meu Deus, no meu pezar, etc.” os selvagens diziam então: “Vêde como ele chora, ouvi como se lamenta”. (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XX, p. 80)

Naquela grande aflicção, puz-me a dizer, do fundo d'alma, e com os olhos em pranto, o psalmo: A ti imploro, meu Deus, no meu pezar, etc. os selvagens apontaram, dizendo: Vede como chora! Ouvi como se lamenta! (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XX, p. 60)

Na minha grande aflicção e miséria, pensei em coisas que, antes, nunca me haviam vindo à mente, no triste vale de lágrimas em que aqui vivemos, e cantei com os olhos úmidos de pranto. Do fundo do coração, o salmo: “Do abismo da miséria clamo eu a Ti”. Ao que disseram os selvagens: “Vejam como ele grita; agora está desesperado”. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 20, p. 76)

Em meio à minha grande aflicção e tristeza, pensava em coisas que jamais me tinham vindo à mente neste triste vale de lágrimas onde vivemos, e cantei, com lágrimas nos olhos, do mais profundo do coração, o salmo: “Do fundo da miséria clamo pelo Senhor”, o que faria os selvagens dizer: “Vejam como berra, agora o lamento apoderou-se dele”. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 20, p. 65)

No meu enorme temor, comecei a refletir sobre coisas que nunca antes me tinham vindo à cabeça, como, por exemplo, sobre o triste vale de lágrimas que a nossa vida terrena pode ser. Assim, bem do fundo do coração e com lágrimas nos olhos, principiei a cantar o salmo: ‘Das profundezas do infortúnio rogo por Ti’. Naqule momento os selvagens comentaram: “Olhem como ele está desesperado, temendo por sua vida”. (STADEN trad. Süsseskind, cap. 20, p. 60)

Na chegada de Staden à aldeia, iniciam-se os ritos de destruição moral, em que o inimigo é submetido à tortura emocional de saber qual será seu destino e de reconhecer sua impotência diante dos captores, sendo comparado a um animal:

Ataram em uma árvore as cordas, que eu tinha ao pescoço, deitaram-se ao redor de mim, e zombaram de mim, dizendo na sua linguagem: Xe rinbau ende: tu és meo animal domestico. (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XX, p. 291)

As cordas que eu tinha no pescoço, amarraram-n'as por cima numa arvore e se deitaram em roda de mi, caçoando commigo e me chamando Schere inbau ende: “Tu és meu bicho amarrado.” (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XX, p. 81)

As cordas que me tinham pelo pescoço amarraram-nas nos galhos de uma arvore; depois deitaram-se em redor de mim, exclamando com ironia: — Chê remimbaba indé, que significa — és meu animal domestico. (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XX, p. 61-62)

As cordas que eu tinha no pescoço, prenderam-nas ao alto de uma árvore. Deitaram-se em torno de mim, à noite, zombando e chamando-me em sua língua: “Xé remimbaba in dé”, que quer dizer: “Tu és meu animal prisioneiro”. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 20, p. 77)

À noite ficaram deitados à minha volta e me ridicularizaram e chamaram na língua deles: “Chê reimbaba indé”, que significa: “Você é meu animal aprisionado”. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 20, p. 66)

Os cordões que eu tinha em volta do pescoço foram amarrados em uma árvore próxima do meu leito, e os selvagens arrumaram os seus formando um círculo em torno de mim. Troçavam da minha pessoa, chamando-me “che reimbada inde”, que significa algo como: “Você é o meu animal em cativeiro”. (STADEN trad. Süsseskind, cap. 20, p. 60-61)

A sevícia, a humilhação e a ameaça são as armas coletivas usadas pelos Tupinambás. Cada membro daquela comunidade exulta com a vingança que estão por concretizar:

Quando xeguei ao ivara, espécie de entrincheiramento, que fazem ao redor das cabanas, o qual consiste em fortes peças de madeira, e assimilha-se a uma paliçada, estas mulheres cahiram sobre mim, deram-me muita bordoadada, arrancaram-me as barbas, dizendo-me na sua linguagem: “Xe innamme pepike ae!”: Eu te spanco em nome do meo amigo, que os teos mataram. (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XXI, p. 292)

Quando entrei, correram as mulheres ao meu encontro e me deram bofetadas, arrancando a minha barba e falando em sua língua: “Sche innamme pepike a e”, o que quer dizer: “Vingo em ti o golpe que matou o meu amigo, o qual foi morto por aqueles entre os quaes tu estiveste.” (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XXI, p. 84-85)

Quando entrei acudiram outras mulheres ao meu encontro, deram-me bofetadas e arrancaram-me punhados da barba, exclamando: — Che anama pipike aê! O que quer dizer: vingo-me em ti do que os teus fizeram aos nossos. (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XXI, p. 65-66)

No interior da caiçara arrojaram-se as mulheres todas sobre mim, dando-me socos, arrepelando-me a barba, e diziam em sua linguagem: “Xé anama poepika aé!” “Com esta pancada vingo-me pelo homem que os teus amigos nos mataram”. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 21, p. 80)

No interior da caiçara as mulheres se jogaram sobre mim, golpearam-me com os punhos, arrancaram-me a barba e disseram na língua delas: “Xe nama poepika aé!”, “com este golpe vingo o homem que foi morto pelos teus amigos”. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 21, p. 69)

No momento da minha chegada à caiçara, todas as mulheres correram juntas e bateram em mim com os punhos, puxando minha barba, enquanto diziam: “Xe anama poepika ae!” – “Isso é a minha vingança pelo homem que seus amigos mataram!” Depois conduziram-se a uma cabana, onde tive de me deitar novamente numa rede. As mulheres se espremiavam em torno para bater-me e puxar minha barba; também me ameaçavam de ser devorado. (STADEN trad. Sússekind, 1999, cap. 21, p. 63)

De todas as histórias narradas por Staden sobre suas memórias de cativo, as que giram em torno de sua identidade talvez sejam as mais relevantes para nossa reflexão sobre os aspectos de verossimilhança de seu relato. Para os Tupinambás, Hans era um indivíduo de múltiplas faces: era inimigo (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 59), português ou pero (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 56), comida (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 62), animal cativo (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 61), presente que seus captadores dariam a um parente a quem queriam impressionar e retribuir um favor (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 64); e não era, como alegava, amigo, francês ou sequer amigo dos franceses (STADEN trad. Sússekind, 1999, p. 65). Um dos episódios que reforça a desconfiança

dos Tupinambás é aquele em que Hans é confrontado com um corsário francês que negocia com os Tupinambás. Como não consegue se comunicar com o francês, seus algozes, que o estavam vigiando durante a tentativa frustrada de comunicação, ouvem do corsário francês que o prisioneiro não fala sua língua e que deve, portanto, ser mesmo português. Na ótica simplista e polarizada dos Tupinambás, existem franceses (amigos) e portugueses (inimigos). Apesar de Hans Staden tentar explicar que é alemão e que franceses e alemães são amigos, não consegue sensibilizar os Tupinambás.

Outro aspecto relevante de sua identidade é seu fervor religioso cristão-protestante. Em todo o tempo em que esteve cativo, manteve-se em oração, clamando a Deus por livramento e sendo observado pelos Tupinambás, que passaram a temer o Deus de Hans e a pedir ao escravo que intercedesse junto a esse Deus por suas causas, como foi o caso da formação repentina de uma tempestade que ameaçava a embarcação em que os Tupinambás o conduziam. Staden, instado pelos selvagens, ora a seu Deus para que a tempestade não lhes cause danos e, tão logo o faz, ela subitamente se dissipa (STADEN trad. Süssekind, cap. 20, p. 61).

O mesmo se deu em diversas outras ocasiões, como a do capítulo 30, em que Hans, que orava e olhava para céu, foi questionado por isso e, em resposta, disse para o chefe que a lua estava zangada e que olhava para sua cabana. Como a reação daquele chefe Tupinambá foi agitar-se e repreendê-lo, Hans rapidamente refez sua explicação e disse que a lua estava zangada com os escravos Carijós mantidos na aldeia. Outro episódio foi o do capítulo 34, em que uma doença infecciosa começou a matar vários membros da família do chefe Nhaêpepô-oaçu, que pediu que Hans Staden orasse ao seu Deus para que seus parentes não morressem. O alemão afirmou que era castigo de Deus por que eles o queriam comer. O chefe Tupinambá promete não comer Hans se seu Deus afastasse a doença; apesar da oração feita, Staden concluiu que Deus tinha outros planos, pois todos daquela família morrem, menos o chefe e sua mulher. Nesse mesmo capítulo, relata que aparecera em sonho a dois chefes, Guaringa-açu e Carima-cuí, que tomaram seus sonhos como mau presságio. Indagado, Hans explica que é porque comeram carne de um português. No capítulo 37, o hostil Alkindar-miri, que ameaçava Staden a todo o momento, é acometido de uma cegueira infecciosa e implora para que o escravo ore para seu olho sarar, o que Hans

faz, com a condição de que o outro não fale mais nada contra ele. Alkindar-miri fica curado dentro de alguns dias e deixa de ameaçar Staden. No capítulo 46, há um episódio em que, logo depois que uma mulher arranca uma cruz que Staden tinha feito e cravado no chão perto da cabana onde dormia, cai uma tempestade que dura vários dias e arrasa com tudo o que os Tupinambás tinham construído e os impede de ir atrás de alimento. A pedido dos Tupinambás, Staden ora e a chuva para quase que imediatamente. Vendo o temor dos seus algozes diante daquele milagre, Staden explica-lhes que a remoção da cruz era a causa da fúria de seu Deus e, aos poucos, vai ganhando o respeito do grupo. Com isso, Staden vai criando empatia e adiando a sua execução. E houve também a história do escravo Carijó que, tendo se levantado contra Hans, acaba sendo assassinado e devorado pelos Tupinambás por influência deste (STADEN trad. Süssekind, cap. 39, p. 95). Depois que o escravo foi devorado, Hans se aproveita da situação para insinuar a seus captores que a desgraça sobreveio ao Carijó porque contava mentiras sobre ele (STADEN trad. Süssekind, cap. 39, p. 96-97).

A farsa e a tática são recursos que o alemão emprega a todo momento, na tentativa de ser resgatado, de fugir ou simplesmente de adiar a morte. Quando entrevistado pelo chefe maior dos Tupinambás, Cunhambebe, o narrador confessa ao leitor que usa de bajulação ao afirmar que se dirigiu a ele “falando, na sua língua, o tipo de coisas que gostam de ouvir” (STADEN trad. Süssekind, cap. 28, p. 72). Também diz que não era inimigo e, para provar, conta em detalhes sobre a logística de defesa dos Tupiniquins, traindo a confiança daqueles. Quando Cunhambebe o questiona sobre ser ele arcabuzeiro dos portugueses, ele mente que esse era o posto que os portugueses lhe deram e ele tinha de obedecer, quando na realidade o aceitou de livre e espontânea vontade.

No capítulo 32, Staden relata como havia mentido que possuía um irmão francês que estava entre os portugueses e que viria buscá-lo a qualquer momento. No capítulo 38, encontramos uma série de falsas histórias que são contadas aos Tupinambás na tentativa de libertar Hans, que já estava há cinco meses em cativeiro. Tudo ocorre a partir da chegada de uma nau portuguesa à costa dos Tupinambás para comprar farinha de mandioca, a moeda de troca mais valiosa dos selvagens. Os portugueses mentem que possuem um baú cheio de mercadorias a bordo – pertencentes ao tal irmão

“francês” de Hans Staden, que supostamente estava na embarcação – para iniciar uma estratégia de fuga, que consistia em fazer com que os Tupinambás permitissem que o escravo fosse a bordo para pegar o baú, acreditando que retornaria com o mesmo para lhes presentear. A conversa travada entre Staden e os tripulantes portugueses, mediante forte escolta Tupinambá, deixa clara a manobra para enganar os selvagens:

Não procureis resgatar-me, porque os selvagens não consentirão, e fazei-os crer, que sou Francez; mas dae-me pelo amor de Deos algumas facas e anzões. (STADEN trad. Araripe; 1892, cap. XXXVIII, p. 312)

Continuei dizendo que eles não me venderiam; que não deixasse perceber que eu não era francez e, por amor de Deus me desse algumas mercadorias, facas e anzões. (STADEN trad. Löfgren; 1989, cap. XXXVIII, p. 114)

Continuei dizendo que os selvagens não me venderiam e que pelo amor de Deus não os deixassem perceber que eu não era francez; pedi ainda algumas facas e anzões. (STADEN trad. Löfgren adapt. Lobato; 1926, cap. XXXVIII, p. 111)

Não me venderão também. Não vos ocorra entretanto a ideia de dizer outra coisa senão que sou um francês, e dai-me, pelo amor de Deus, algumas mercadorias, facas e anzóis. (STADEN trad. Franco; 2020, cap. 38, p. 102)

Eles não vão me vender para vocês. Por isso não tentem me comprar e não façam nada que dê a impressão de que eu não seja francês, e dêem-me pelo amor de Deus alguma mercadoria, facas e anzóis. (STADEN trad. Bojadsen; 2019, cap. 38, p. 96)

Disse a eles que os selvagens só me venderiam caso os portugueses agissem como se eu fosse um francês, e acrescentei que era importante não os deixar perceber nada a respeito da farsa. (STADEN trad. Süsseskind, cap. 38, p. 91)

Como os Tupinambás exigiam resgate pago pelos familiares de Staden, e não pelos inimigos portugueses, o alemão teve que inventar uma narrativa para “ludibriá-los” (STADEN trad. Süsseskind, cap. 38, p. 92), dizendo que o irmão francês voltaria, autorizado pelo pai de ambos, com presentes para pagar por sua libertação e que ele – Hans Staden – havia tranquilizado seu pai, contando ao irmão como era bem tratado pelos Tupinambás. Mesmo em meio a todo

esse jogo de bajulação, o alemão, contando que os Tupinambás não entendiam o que falavam, não perdeu a chance de avisar aos portugueses que estava em andamento um plano de ataque dos selvagens a Bertioğa, marcado para o mês de agosto daquele mesmo ano.

Quando levanta as possíveis razões que movem o leitor a adentrar o espaço autobiográfico, seja na leitura de autobiografias ou de literaturas de tom autobiográfico, Remédios (1997, p. 9) elenca uma que talvez explique a permanência do relato de Hans Staden quase cinco séculos depois de sua publicação: a admiração pelo herói. E nós salientamos aqui neste estudo que se trata da admiração por um herói que superou a adversidade e sobreviveu para contar sua experiência. Mas diferentemente de outras escritas de si em que “o homem se compraz em desenhar sua própria imagem, porque se considera como centro de um espaço vital” (REMÉDIOS, 1997, p. 11), o relato maior da *Wahrhaftige Historia* está centrado na intimidade de um relacionamento de um narrador crente com seu Deus, a quem se dirigiu em todos os momentos de aflição e de profunda solidão e com quem fez mediação, segundo sua ótica, em proveito de seus inimigos, por meio dos livramentos que alcançaram por sua intercessão.

## Referências

- AGUIAR, L. A. *Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil*. Adaptação. 7. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1988.
- BECKER, E. Literatura, tradução e ideologia em Monteiro Lobato. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 5, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12614/12614.PDF>. Acesso em: 7 nov. 2020.
- CAMPANÁRIO, M. de A. *Hans Staden: o homem e a obra*. São Paulo: Editora Parma, 1980.
- CAMPOS, H. de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: CAMPOS, H. de. *Metalíngua & outras metas*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 231-255.
- LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2 v.
- LOBATO, M. *Aventuras de Hans Staden*. 32. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- LOBATO, M. *Na antevéspera*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951. v. 6.

- REMÉDIOS, M. L. R. (org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- SANTANA-DEZMANN, V. *Hy Brasil: a construção de uma nação*. Maringá: Viseu, 2019.
- SILVA, F. H.; TRIGUEIRINHO, A. B. G. B.; SCLIAR, S. (ed.). *Hans Staden: primeiro viajante*. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1966. (Série Documentos Históricos, v. 1.).
- STADEN, H. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. Trad. Pedro Sússekind. 2. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.
- STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2007 (2019). (Coleção L&PM Pocket, v. 674).
- STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil: século XVI*. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2020.
- STADEN, H.; PARIS, M.; OHTAKE, R. (ed.). *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999.
- STADEN, H. *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil*. Trad. Alberto Löfgren. São Paulo: Casa Eclectica, 1900. Disponível em: [https://www.academia.edu/21559608/Suas\\_Viagens\\_e\\_Cativo\\_Entre\\_os\\_Selvagens\\_do\\_Brasil\\_-\\_Hans\\_Staden](https://www.academia.edu/21559608/Suas_Viagens_e_Cativo_Entre_os_Selvagens_do_Brasil_-_Hans_Staden). Acesso em: 7 nov. 2020.
- STADEN, H. *Hans Staden: Wahrhaftige Historia*. Marburgh, 1556. Acervo da Biblioteca Brasileira Mindlin (digitalizado completo). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?4500008047&bbm/4570#page/1/mode/2up>. Acesso em: 7 nov. 2020.
- STADEN, H.; LOBATO, M. (ed.). *O meu cativo entre os selvagens do Brasil*. Trad. Alberto Löfgren. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- STADEN, H.; PARIS, M.; OHTAKE, R. (ed.). *Portinari devora Hans Staden*. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: Deutsche Bank: Editora Terceiro Nome, 1998.
- STADEN, H. *Relação verídica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás por Hans Staden*. Trad. Tristão de Alencar Araripe. Rio de Janeiro: Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1892. t. LV, p. 264-360.
- STADEN, H. *Viagem ao Brasil*. Trad. Alberto Löfgren. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989. (Coleção Afrânio Peixoto).

- TAVARES DE ARAÚJO, O. Pequeno Ensaio Pró-Portinari. In: STADEN, H.; PARIS, M.; OHTAKE, R. (ed.). *Hans Staden*: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999. p. 124-142.
- VILLAS BÔAS, L. O Hans Staden de Portinari: esquecimento e memória do passado colonial. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 19, n. 27, p. 103-125, abr./maio 2016.